

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA

**Dinâmicas Espaciais, Identidades Sociais e Apropriação das Habitações no Bairro
4 de Outubro, em Mumemo**

Autor: Anselmo Marcos Matusse

Supervisor: Elísio Jossias

Maputo, Março de 2012

**Dinâmicas Espaciais, Identidades Sociais e Apropriação das Habitações no Bairro
4 de Outubro, em Mumemo**

(Requisito parcial para a obtenção do grau de licenciatura em Antropologia pelo Departamento de
Arqueologia e Antropologia)

Autor: Anselmo Marcos Matusse

O Presidente

O Supervisor

O Oponente

Elísio Jossias

Maputo, Março de 2012

DECLARAÇÃO

Declaro que este relatório é o resultado da minha investigação pessoal e independente, o seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

Declaro ainda que este relatório não foi submetido em nenhuma outra instituição para qualquer grau nem está a ser apresentado para obtenção de um outro grau para além daquele a que diz respeito.

O candidato

Maputo, aos _____ de _____ de 2012

*À memória da minha mãe Saroma Moçambique Chichava,
do meu pai Marcos Alberto Matusse
e da minha irmãzinha Zeraltina Matusse*

AGRADECIMENTOS

Agradeço o meu supervisor Elísio Jossias, pelas prontas intervenções no trabalho, sem as quais o mesmo não passaria de um simples rascunho com ideias soltas. Agradeço também a todos os docentes do Departamento da Arqueologia e Antropologia (DAA) pelo esforço que empreenderam durante o meu processo de formação e que sempre constituirão fonte de inspiração, nomeadamente, José Pimentel Teixeira, Emídio Gune, Danúbio Lihaha, Jonas Mahumane, Hélder Nhamaze, Johane Zonjo e outros. Meu especial obrigado vai também para a Dra. Xénia Carvalho pela atenção e contínuo encorajamento.

Agradeço os meus colegas de Antropologia das gerações 2007 e 2008 pelos momentos de pressão e diversão que partilhamos e pela amizade que me proporcionaram, o que facilitou sobremaneira a minha formação na academia.

Agradeço à minha família pelo seu amor e carinho, o que foi imprescindível para a concretização deste trabalho, obrigado por me fazerem sentir parte de algo muito grande. Agradeço, especialmente, a minha companheira Ana Cláudia pela paciência e companheirismo.

Por último, agradeço os informantes, pela disponibilidade e paciência que tiveram durante as repetidas conversas. Eu consegui “encontrar amigos entre informantes” (Geertz 2001).

RESUMO

Neste trabalho analisa-se as dinâmicas espaciais, identidades sociais e apropriação das habitações no bairro 4 de Outubro, em Mumemo. No trabalho privilegiou-se a abordagem qualitativa e apoiando-se no interaccionismo simbólico, buscou-se compreender como é que no processo das interações sociais os sujeitos apropriam-se das habitações e constroem as suas identidades sociais e de que forma as habitações comunicam as identidades e estatuto social dos moradores e estruturam as suas sociabilidades.

Os dados foram recolhidos através de entrevistas não-estruturadas e conversas informais com moradores residentes no bairro coberto pelo projecto da CONFHIC e suas cercanias onde concluiu-se que as remodelações não podem ser vistas apenas como resposta a imperativos do crescimento do agregado familiar, como sugere alguma literatura, essa explicação é simplista e parcial; as habitações devem ser também vistas como uma das formas de objectivação da identidade pessoal dos moradores, elas possibilitam as identificações e diferenciações que situam a pessoa socialmente, projectando, assim, o *self* dos moradores e, é neste conjunto de identificações e diferenciações que se deve perceber as sociabilidades dos moradores dentro do bairro pois estas também são consubstanciadas por (e consubstanciam) essas identificações e diferenciações sociais.

Palavras-chave: *Dinâmicas Espaciais; Identidades Sociais; Estilo de Vida, Relações de Propriedade; Apropriação das Habitações*

ÍNDICE

| | |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| 1. Introdução | 1 |
| 2. Metodologia | 6 |
| 2.1. Técnicas de recolha de dados..... | 6 |
| 2.2. Perfil dos informantes | 9 |
| 3. O Bairro das “Irmãs” | 10 |
| 3.1. Relações de propriedade e territorialidade..... | 12 |
| 4.1. Padrão das remodelações: a “casa boneca” | 14 |
| 4.2. Sociabilidades: “não vens para mim que eu também não venho para ti, nós não somos amigos” | 16 |
| 5. Considerações finais | 20 |
| 6. Referências bibliográficas..... | 22 |
| 7. ANEXOS | 26 |

1. Introdução

No presente trabalho são analisadas as dinâmicas espaciais, identidades sociais e a apropriação das habitações no Bairro 4 de Outubro, e procura-se compreender como é que no processo das interações sociais¹ os sujeitos apropriam-se das habitações e constroem as suas identidades sociais e de que forma as habitações comunicam as identidades e o estatuto social dos moradores e estruturam as suas sociabilidades.

O interesse pelo tema nasceu primeiro da revisão da literatura sobre a habitação, identidade social e apropriação do espaço na Antropologia e, segundo, das observações de alguns bairros de reassentamento na Cidade e Província de Maputo. Uma vasta literatura preconiza que as remodelações da habitação são explicadas pelo número e composição dos grupos domésticos, no sentido de que há uma correspondência entre as formas particulares e o tipo de composição do grupo doméstico residente (Morgan 1965, Goody 1971 apud Low e Lawrance-Züniga 1990, Hirschon e Gold 1982, Cieraad 1999, Silvano 2010). Porém, poucos estudos olhavam para a questão das remodelações tendo em conta os significados que os moradores atribuem às mesmas e o lugar destas na afirmação das identidades sociais num dado contexto de interação social.

No decurso das cheias ocorridas na cidade de Maputo no ano 2000, parte dos residentes do Bairro de Chamanculo C, que foi afectada, foi transferida para o Bairro “4 de Outubro” em Mumemo, com ajuda de uma congregação religiosa católica denominada Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição (CONFHIC)². Esta instituição ergueu habitações que foram doadas aos novos moradores tendo imposto regras e procedimentos da sua utilização que incluem a necessidade de manter o padrão, estilo, pintura e ainda critérios de transmissão de propriedade. Passados alguns anos, o que se verifica é uma tendência de os moradores remodelarem as habitações. Daqui surgiram duas questões: como se explicam essas remodelações nas habitações do bairro? Que significados os moradores atribuem às mesmas?

¹ Para Goffman (1959:26) a interação é definida como “a influência recíproca dos indivíduos sobre as ações dos outros numa situação de presença física imediata”. Porém, a interação não acontece apenas com a presença física dos seus intervenientes.

² Para mais informações sobre a instituição visite o site: www.confhic.com

O trabalho acrescenta, com dados etnográficos, subsídios nos estudos sobre a habitação e identidade social e afasta-se dos autores, que desde Levi-Strauss, interessam-se pelos estudos da habitação em relação ao parentesco (Low e Lawrance-Züniga 1990), em detrimento da dimensão simbólica. Esta dimensão deve ser levada em conta, pois o “homem é um animal *symbolicum*” (Cassirer 1994:2), a sua relação com a materialidade é mediada pelos símbolos (Moura 2000). A nível prático, o trabalho releva por ajudar a compreender como o processo de urbanização se processa (especificamente em Maputo), pois não se deve pensar a urbanização apenas em termos de edifícios, como a Escola de Chicago preconizava (Horta 2007), mas em termos de edifícios e agentes e, é nessa inter-relação que se deve procurar entender as remodelações que os agentes efectuem nos edifícios e os constrangimentos que estes causam nos comportamentos dos agentes (Low e Lawrance-Züniga 1990).

Steggel et al. (2003) na sua revisão bibliográfica identifica 44 teorias e modelos com diversos enfoques nos estudos sobre a habitação. Destas teorias destacou-se, no presente trabalho, duas nomeadamente, a Teoria do Ajustamento da Habitação³ e o Interacionismo Simbólico por se interessarem pelo objecto de estudo do presente trabalho no mesmo enfoque. A teoria do ajustamento da habitação é proposta por Morris e Winter (1996) apud Steggel et al. (2003). Esta teoria lida com a forma pela qual os agregados familiares pensam e comportam-se em relação à habitação. A teoria é útil no estudo de “processos complexos pelos quais as famílias fazem as suas decisões sobre a habitação...e as formas pelas quais a estrutura da sociedade determina como as famílias são alojadas numa habitação, as consequências da habitação para as famílias e as decisões que estas fazem (Morris e Winter 1978 apud Steggel e tal. 2003: 7).

Esta teoria foca-se nos processos microssociológicos dos agregados familiares. As pessoas procuram respeito dos outros. Assim, se os agregados familiares acreditam que a sua habitação está abaixo das normas da sociedade (um perigo ao respeito) esse agregado vai experimentar uma insatisfação e procurará melhorar essa situação (Steggel e tal. 2003).

O Interacionismo Simbólico foi desenvolvido por autores como John Dewey, Robert Park e George Herbert Mead (Solomon 1983 apud Steggel et al. 2003:13). O foco desta teoria é nas

³Theory of Housing Adjustment em inglês

relações recíprocas entre o indivíduo e a sociedade. Os indivíduos não reagem simplesmente aos comportamentos dos outros. As acções e situações são guardadas nas memórias como símbolos que medeiam as respostas futuras a novas acções e situações. Estes símbolos são gerados através da interacção da percepção dos indivíduos das respostas dos outros e as convenções culturais tácitas como significados das situações (Steggel et al. 2003).

O trabalho combina as duas teorias para a análise do objecto em estudo. Da Teoria do Ajustamento da Habitação ressalva-se a premissa segundo a qual os agregados buscam respeito dos outros e se habitação pôr em causa esse respeito, o agregado familiar sente-se insatisfeito e procura melhorar essa situação e do Interacionismo Simbólico ressalva-se o facto de se levar em conta o contexto da interacção social, a questão da escolha dos indivíduos, a vida quotidiana e a interpretação e manipulação dos significados pelos indivíduos.

Neste caso, afasta-se das abordagens “estruturalistas”, “essencialistas” e “racionalistas”⁴ na medida em que as identidades sociais e as diferenciações sociais são vistas como produto da interacção social num dado contexto, em que as habitações são atribuídas significado e significância social, tornando-se num elemento de comunicação da identidade e/ou estatuto social (Goffman 1959; Higuchi 2003; Hauge 2009).

A pesquisa foi realizada com base na abordagem qualitativa e privilegiou-se o método etnográfico para a recolha de dados no campo. Assim, foram efectuadas entrevistas não-estruturadas com os moradores do Bairro, usou-se igualmente a observação directa e a fotografia. Verificou-se que as remodelações são explicadas como sendo resultantes do crescimento do agregado familiar e também como forma de os moradores afirmarem as suas identidades, estatutos sociais e buscarem o “respeito”.

A identidade é vista pelos diversos autores, primeiro, como algo essencial, natural e fixo e segundo como algo mutável, relacional, processual e construído. A identidade social é um conceito relacional e conforme afirma Pina Cabral (2003) processual e relativo, assim, mais do que se focar nos critérios que a tornam inteligível é importante focar-se no contexto da sua

⁴ Abordagens muito criticadas por Bourdieu (1997) na sua obra “Razões Práticas”

avaliação, já que a “produção de identificações e diferenciações sociais no decorrer da vida social assenta sempre sobre a inserção em contextos de referência” (Pina Cabral 2003:5). Para este autor, a distinção entre a identidade colectiva e individual não faz sentido uma vez que as “as identidades são sempre socialmente construídas, e por isso, múltiplas e variáveis” (Costa 2002:26).

O lar “é um lugar/sítio, um conjunto de sentimentos, significados culturais, e a relação entre ambos” (Hauge 2009:29). O lar, na óptica deste autor, é um lugar imaginário, que possui representações diversas e sentimentos ligados à ela, tanto negativos como positivos. Para Blunt e Dowling apud Hauge (2009), lar é um processo de entender as formas de habitação e pertença. Nesta exposição pode-se constatar que lar e habitação não são entidades distintas mas o primeiro é uma abstracção do segundo. Para Hauge (2009), habitação⁵ (*housing*) refere-se a estruturas físicas e edifícios feitos para as pessoas residirem. Esses edifícios e estruturas possuem significados pessoais, sociais e culturais. O conceito a ser usado no trabalho vai ser o de habitação por ser mais inclusivo.

Benda-Beckmann *et al.* (2006:10) definem a propriedade como sendo as “formas pelas quais as relações entre os membros de uma sociedade, com respeito aos objectos de valor, são dadas forma e significância”. O mesmo pensamento é partilhado por Macpherson (1992 [1978]), Humphrey e Verdery (2004), Hann (1996, 2005, 2007). Para estes autores faz mais sentido falar-se de relações de propriedade, isto é, a forma como a interacção se estabelece entre indivíduos em relação a um bem considerado valioso (Hann 1998).

Giddens (1991) apud Hauge (2007:37) define estilo de vida como sendo mais ou menos um “conjunto integrado de práticas que um indivíduo abraça, não somente porque tais práticas desempenham um papel na satisfação das suas necessidades utilitárias, mas porque dão forma material a uma narrativa particular da identidade pessoal”. O estilo de vida permite as escolhas de certas mercadorias dentro de padrões de consumo e na articulação desses recursos culturais como modo de expressão pessoal e distinção social (Filho 2003).

⁵ Higuchi (2003) usa o conceito de “casa” com o mesmo significado que habitação.

Para o mesmo autor, a nossa individualidade e a nossa identidade são moldadas dentro de escolhas e estruturas colectivas mais amplas, e na modernidade este conceito vem substituir conceitos estruturalizantes tradicionais, tais como etnia, classe e género.

Na primeira parte, apresenta-se a metodologia; na segunda parte, mostra-se a história da constituição do bairro; na terceira parte, fala-se sobre as relações de propriedade e territorialidade e, a seguir, fala-se sobre as remodelações das habitações, discute-se ainda, os padrões das remodelações, sociabilidades e estilo de vida relacionando-se com a identidade dos moradores.

2. Metodologia

No trabalho são analisadas as dinâmicas espaciais, identidades sociais e apropriação das habitações no bairro 4 de Outubro tendo como modelo de análise o interaccionismo simbólico, e na sua ênfase no contexto da interacção social (Dubar 2005, Goss 2006), para se perceber o significado que os moradores atribuem às remodelações das habitações e a teoria do Ajustamento da Habitação.

Segundo Palma (2004), o interaccionismo simbólico preconiza que os dados devem ser colhidos do quotidiano dos indivíduos. Com esta ênfase no quotidiano foi possível aceder aos significados que os moradores atribuem às coisas no processo da interacção social. Neste caso, através dos discursos e redes de relações sociais, gostos, formas de vestir-se, tipo de músicas (Bourdieu 2006), buscou-se reportar as formas pelas quais os moradores projectavam o seu *self*, a identidade pessoal, as diferenciações e as identificações (Pina Cabral 2003), bem como o lugar que as habitações ocupam nesse processo, “através de uma descrição densa” (Geertz 1989). Neste processo, privilegiou-se, simultaneamente, as estratégias discursivas e as práticas sociais dos informantes: registou-se os seus discursos sobre o bairro e a sua situação, bem como a dos outros moradores do bairro, registou-se também as práticas dos informantes em relação à habitação, ao lazer, às sociabilidades e ao seu quotidiano no bairro.

2.1. Técnicas de recolha de dados

Tendo em conta as abordagens acima apresentadas optou-se pelo método etnográfico pelo potencial que ele representa na colecta de dados do campo, em que o investigador participa das actividades quotidianas dos informantes. Privilegiou-se a abordagem qualitativa, que permitiu trazer à superfície os “significados, as significações, ressignificações, representações mentais e sociais, simbolizações, simbolismos, percepções, pontos de vistas, perspectivas, experiências de vida, analogias” (Nogueira-Martins e Bógus 2004:48) que os moradores do Bairro 4 de Outubro atribuem à habitação e o lugar que esta ocupa na comunicação das suas identidades sociais.

O trabalho foi feito em três fases interligadas⁶, nomeadamente, a fase teórica, que consistiu na análise documental e, compreendeu o período de Março a Junho de 2011. Nesta fase, recorreu-se a jornais, artigos científicos, livros, para se dar conta da forma como a habitação, identidades sociais e apropriação do espaço foram sendo abordados pelos diferentes autores, especificamente, na Antropologia; recorreu-se também a alguns pesquisadores que se interessam pelos estudos sobre a habitação, inclusive alguns arquitectos e urbanistas⁷.

A segunda fase decorreu de Julho a Outubro de 2011. Esta fase consistiu na recolha sistemática de dados no campo, em que se recorreu a entrevistas não-estruturadas e a conversas informais que Burgess (1997) denomina de “conversas com objectivo”. O objectivo destas entrevistas foi o de desenvolver um relacionamento de confiança entre o pesquisador e os informantes e analisar as atitudes deles durante as conversas. Para além do bloco de notas, usou-se também um gravador de voz⁸, após consentimento informado dos informantes.

O trabalho de campo foi feito num movimento de *vai e vem*. No primeiro dia do contacto com o contexto de pesquisa, identificou-se, com a ajuda dos moradores do bairro, uma informante-chave - a Chefe da Comissão Administrativa do Bairro. Ela foi responsável pela identificação e reassentamento dos agregados familiares do Bairro de Chamanculo C afectados pelas cheias.

Os informantes foram identificados através de um processo de “bola-de-neve”, o que possibilitou também a constatação das “redes sociais”⁹, em que os informantes envolviam-se. Dos informantes residentes no bairro e identificados pela Chefe da Comissão Administrativa verificou-se que eram moradores que faziam parte do seu círculo de amizade e, segundo a chefe da comissão administrativa do bairro, sempre que o bairro fosse visitado as mesmas pessoas é que recebiam as visitas. Por isso, estes informantes foram muito receptivos, no entanto,

⁶ O seu seguimento não foi tão linear quanto sugere a enumeração, pois, da terceira fase poderia se voltar para qualquer outra fase.

⁷ Os arquitectos e urbanistas foram contactados no Instituto Médio do Planeamento Físico e Ambiente (IMPFA), onde aprendeu-se muito sobre o urbanismo e a arquitectura e foi possível, mediante essas conversas, perceber-se o quanto os modelos de arquitectura e o urbanismo usados em Moçambique são uma visão do mundo particular ocidental que se universaliza e se impõe no contexto Moçambicano.

⁸ Nas conversas efectuadas fora das habitações dos entrevistados houve casos de ruídos que dificultaram a percepção das conversas gravadas

⁹ Para mais detalhes leia Mitchell (1975)

desconfiados, uma vez que associavam a pesquisa aos interesses da Comissão Administrativa do Bairro, o que nos primeiros dias empobreceu os dados fornecidos.

Constatou-se, ainda, que os moradores mais adultos contavam a história do bairro com muito mais detalhes, mais rostos, mais cores, mais sentimentos do que os segmentos mais jovens, nos quais se verificava alguns “apagamentos da memória”¹⁰. Privilegiou-se, pois, os primeiros para se reconstituir o processo da construção do bairro. As conversas foram efectuadas usando-se a língua portuguesa e o Ci-Changana¹¹, por serem as línguas maioritariamente faladas no bairro.

Durante o trabalho de campo, usou-se também a fotografia¹², como uma técnica de recolha de dados. Fotografou-se as habitações que foram alvo de remodelações, os compartimentos das mesmas, as bancas, os contentores, as fontenárias e outras infra-estruturas existentes no bairro. As fotografias das habitações remodeladas visavam mostrar como os moradores manipulam as regras de não modificar ou derrubar a fachada das habitações. Alguns moradores, enquanto tirava-se as fotografias, explicavam os seus projectos de remodelações nas habitações. Algumas fotografias foram retiradas da página da internet do bairro, devidamente referenciada na bibliografia.

A observação directa foi também privilegiada neste trabalho. Efectuou-se caminhadas por quase toda a extensão do bairro, observando-se as habitações que sofreram algum tipo de remodelação. Deste modo, foi possível verificar o padrão das remodelações e relacioná-lo com a estruturação social subjacente. Nesta fase, conversava-se com qualquer informante que se encontrava pelo caminho. As respostas frequentes quando se questionava: “*que bairro é este?*” eram: “*este bairro é das vítimas das cheias*” ou “*este é o bairro das irmãs*” ou ainda, “*este é o bairro de pessoas que viviam no bairro de Chamanculo*”. Com isso, percebeu-se que, através de uma experiência comum de cheias e, conseqüente reassentamento construiu-se discursivamente uma ideia de “comunidade” que homogeneíza os moradores do bairro.

¹⁰ Veja Halbwachs (1950) apud Silvano (2010)

¹¹ Notou-se que o bairro é uma miscelânea de etnias oriundas de quase todo o país, porém, sem muita representatividade no bairro.

¹² A fotografia, definida como um sistema de elaboração de realidades, comporta dois processos cruciais, o de construção da imagem fotográfica e o de sua interpretação (Andrade, 2002). Assim, no trabalho mostra-se a fotografia e segue-se com a sua interpretação para se ilustrar o argumento defendido.

Finalmente, a terceira fase foi de Outubro de 2011 a Janeiro de 2012 e consistiu na sistematização, análise e interpretação dos dados recolhidos no campo. A análise de dados teve em conta as situações discursivas, o contexto em análise, o lugar dos interlocutores na história do Bairro e uma descrição etnográfica da disposição das habitações e das tendências de remodelação.

Os dados foram interpretados à luz do pensamento dos autores que abordaram a questão da habitação e identidade social, tendo em conta que os significados são produzidos durante as interacções sociais, por isso são situacionais.

2.2. Perfil dos informantes

Os informantes são, na sua maioria, moradores do bairro 4 de Outubro, em Mumemo. Dois dos informantes, diferente dos demais, não residiam no bairro de Chamanculo; um deles residia no bairro Luís Cabral, em Maputo, na habitação dos seus pais e foi parar no bairro 4 de Outubro porque foi contratado para trabalhar como professor na escola técnico-profissional do bairro e foi oferecido uma habitação do tipo 2 (compreendida por uma sala e dois quartos) onde habitava primeiramente sozinho tendo passado a habitar com a sua “esposa”¹³ e uma filha.

O outro participante morava no bairro 25 de Junho, na cidade de Maputo, na habitação dos pais. Depois de casar-se procurou por uma habitação própria. Começou a construir a sua habitação no bairro Agostinho Neto. Uma vez que a sua irmã (que foi atribuída uma habitação pela CONFHIC no âmbito do reassentamento) casou-se, ela pediu que eles fizessem uma troca de habitações. A irmã ofereceu-lhe a sua habitação do tipo 2 no bairro 4 de Outubro e ele deu-a em troca a habitação que havia começado a construir. Ele trabalha como supervisor na área de prevenção contra o HIV-SIDA no centro social da CONFHIC. A maioria dos informantes vem do bairro de Chamanculo, periferia da cidade de Maputo. Para além dos moradores do bairro 4 de Outubro, conversou-se também com os moradores que habitam nas cercanias (seis informantes), que na sua maioria eram moradores que se mudaram de outros bairros, apenas quatro dos entrevistados eram nativos.

¹³ Não se casaram nem oficialmente nem por via costumeira, eles ajuntaram-se segundo afirmou o informante durante a entrevista.

3. O Bairro das “Irmãs”

O primeiro contacto com o bairro foi numa sexta-feira, por volta das 15 horas. Após ter se descido do transporte semi-colectivo localmente denominado por “chapa” na paragem “Estrada Nova”, no entroncamento entre a Estrada Nacional número 1 e a estrada que vai até as novas instalações da FACIM (Feira Agro – Pecuária, Comercial e Industrial de Moçambique), encontrou-se uma senhora idosa que vendia refrigerantes, sumos e algumas frutas e pediu-se que ela indicasse o caminho para o bairro de Mumemo, pelo que ela disse “já chegou”, perante a insistência, uma vez que o destino era um bairro que foi construído depois das cheias de 2000, ela retorquiu “*ah esse bairro, é o bairro das irmãs*”. Esta frase era muito recorrente nas conversas com os informantes, por isso questionou-se “*porquê bairro das irmãs?*”.

Para se perceber esta frase é necessário atentar-se à história da constituição do bairro, pois, segundo Bourdieu (1998), toda a sociologia deveria ser histórica e toda a história deveria ser sociológica. Nesta parte pretende-se mostrar como o bairro 4 de Outubro se constituiu, uma vez que esse processo é fundamental para a percepção da construção das identidades sociais e remodelações das habitações. Ajuda, ainda, a perceber como uma mata¹⁴ – um não lugar antropológico - transformou-se num lugar antropológico, que é “relacional, identitário e histórico” (Augé 1998:83) e como as relações de poder foram-se estruturando nesse campo.

O bairro 4 de Outubro foi criado no ano de 2002, no distrito de Marracuene, para reassentar pessoas afectadas pelas cheias que ocorreram em Maputo, no bairro de Chamanculo C, no ano de 2000. Após as cheias a congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição (CONFHIC)¹⁵ abrigou as famílias afectadas pelas cheias no recinto do Convento de São José, situado no bairro de Luís Cabral. Na sequência, a CONFHIC intercedeu junto dos Municípios das cidades de Maputo e Matola no sentido de conseguir locais mais seguros para os moradores uma vez que no bairro de origem as águas não baixavam. Com a ajuda das autoridades municipais foi cedido um terreno no distrito de Marracuene. A CONFHIC procurou

¹⁴ No ponto de vista dos reassentados uma vez que no espaço que se transformou no bairro havia moradores nativos que habitavam e trabalham a terra para a agricultura e pastorícia.

¹⁵ Esta instituição e o próprio processo da construção do bairro foram encabeçados pela Irmã Susana Custódio Marques, de nacionalidade portuguesa; e segundo as informações da comissão administrativa, ela ainda está a frente da instituição até o presente ano.

apoios e ergueu um conjunto de habitações que depois foram entregues aos afectados. A promessa inicial era que cada agregado familiar seria atribuído uma habitação com as mesmas dimensões que aquela em que habitava no bairro de Chamanculo, porém, tal facto não aconteceu. As habitações atribuídas eram semelhantes,¹⁶ tendo distinções apenas em número de compartimentos, facto que também criou algumas desistências dos agregados familiares do bairro, associado à distância e à carência de infra-estruturas no novo bairro.

Assim, foram construídas habitações constituídas por um ou dois quartos e uma sala para cada agregado familiar. Esta construção foi concebida para ser evolutiva, neste caso, permitiria que, no futuro, se realizassem obras de ampliação desde que não remodelassem a fachada. As habitações foram construídas na parte frontal do terreno deixando-se muito espaço na parte traseira para as pequenas culturas agrícolas e para futuras obras de ampliação e, é no mesmo espaço onde se situam as latrinas. Em 2001 deu-se início à construção de 500 habitações (das 1777 habitações que o projecto previa), em alvenaria (blocos de cimento), cobertas por chapas galvanizadas. As primeiras 100 habitações foram entregues aos moradores em Setembro de 2001 e até o ano de 2011 o projecto tinha construído apenas 667 habitações das 1777 previstas.

Como ainda não foram construídas todas as habitações, os agregados familiares que ainda não receberam as habitações podem pedir autorização junto da Comissão Administrativa para construir com os fundos próprios, caso o nome conste da lista dos moradores que aceitaram mudar-se do bairro de Chamanculo “C”. Contudo, a habitação a ser construída deve obedecer os padrões estabelecidos pela Comissão Administrativa do Bairro ou usar a planta de habitação disponibilizada pela mesma.

Este processo histórico é iluminador em dois sentidos, primeiro mostra que o bairro foi construído (inicialmente) para as vítimas das cheias oriundas do bairro de Chamanculo C, e segundo, mostra como as relações de poder foram se estruturando no bairro, uma vez que foi este processo que colocou a CONFHIC numa posição legítima de impor regras de urbanismo e formas de uso e circulação das habitações aos novos moradores, assim, mostra-se na *praxis* como grupos com capital simbólico, cultural, económico (Bourdieu 1989) diferentes emergiram e inter-relacionam-se no bairro.

¹⁶ O que João da Costa apud Barroco (2011) chama de arquitectura de acompanhamento.

3.1. Relações de propriedade e territorialidade

As habitações do bairro 4 de Outubro não podem ser alienadas, alugadas ou penhoradas. Este facto coloca em relação permanente os moradores e a CONFHIC, uma vez que a CONFHIC, apesar de ter oferecido as habitações aos moradores, ainda decide a forma pela qual as mesmas devem ser usadas e circuladas pelos moradores.

Uma vez que os moradores foram oferecidos as habitações, eles são moral e legalmente obrigados a oferecer a habitação para outra pessoa que seja um parente ou esteja na lista dos moradores que aceitaram sair do bairro, caso não queiram mantê-la, mas não podem vendê-la, pois, *“uma coisa que Deus deu não se pode vender...”*¹⁷ ou porque *“as irmãs proibem a venda das casas”*¹⁸

A venda da habitação do projecto implica perda da habitação que é passada para outra pessoa, por isso quando a venda ocorre, é em circunstâncias muito discretas. Os moradores que se envolvem nesse acto conhecem as regras de circulação das habitações impostas pela CONFHIC, que são baseadas no parentesco e manipulam-nas segundo os seus interesses. Uma habitação só pode passar para o parente da pessoa (cujo nome consta da ficha social do bairro vide anexo 2) que foi atribuída a habitação, tal passagem é efectuada nos casos de morte ou de desejo manifesto. A venda das habitações não é frequente, pois a comissão administrativa do bairro¹⁹ criou mecanismos de controlo que dificultam esse acto, por exemplo, cada agregado familiar possui um processo no qual constam os nomes dos membros do agregado familiar e uma foto do chefe do mesmo (Vide anexo 2). A habitação só pode passar para um dos membros do agregado familiar cujo nome consta desse processo.

O bairro possui chefes de Blocos (cada Bloco é constituído por dezasseis habitações) três chefes de quarteirões e um secretário do bairro que vela não só pelas habitações do bairro 4 de Outubro mas também por todo o bairro de Mumemo. Estas instituições evidenciam o contexto em que o bairro foi constituído, caracterizado por uma crescente procura de terrenos e onde a habitação

¹⁷ Entrevista com uma moradora do bairro 4 de Outubro, 4 de Setembro de 2011

¹⁸ Entrevista com uma moradora do bairro 4 de Outubro, 4 de Setembro de 2011

¹⁹ A Comissão administrativa funciona como uma espécie de poder judicial e executivo, isto é, julga os casos referentes a venda e conflitos de terra, e também aplica as leis criadas pela CONFHIC e Administração do Distrito de Marracuene.

própria afigura-se como um valor social com o consequente aumento de conflitos relacionados com a terra.

Os moradores ainda não foram entregues os Direitos de Uso e Aproveitamento da Terra (DUAT) que lhes garanta posse legítima das habitações diante do estado²⁰, facto que faz com que os moradores sintam-se limitados em relação ao uso e remodelação da habitação.

4. Remodelação das habitações: crescimento do agregado familiar e/ou afirmação da identidade?

O bairro 4 de Outubro pode ser caracterizado pela “arquitetura de acompanhamento” e “edifícios de destaque”, usando-se a terminologia de João da Costa apud Barroco (2011:6). A arquitetura de acompanhamento, segundo o autor supracitado, define-se como a arquitetura dos conjuntos habitacionais que devido à sua repetição sucessiva, perdem singularidade (veja por exemplo a figura 1) e os edifícios de destaque são definidos como os edifícios que se distinguem pela sua singularidade arquitectónica devido a sua volumetria ou implantação ganhando lugar de destaque.



Fig. 1 Estado inicial do bairro. (fonte: mumemo.no.sapo.pt/historia.html)



Fig. 2 Estado actual do bairro (foto do autor: 2011)

Quando se entra no bairro, o facto que mais salta à vista é a semelhança das habitações – “arquitetura de acompanhamento” (João da Costa apud Barroco 2011). As vias de acesso são parceladas com arruamentos largos, que facilitam o acesso aos diferentes locais. Porém, certas

²⁰Uma vez que o projecto não foi construído na sua íntegra, o governo distrital de Marracuene não aceitou recebê-lo formalmente uma vez que sabe que os fundos foram doados mas as habitações construídas foram apenas 667 das 1777 previstas, então os títulos de propriedade não foram entregues aos moradores.

habitações evidenciam-se em termos de pintura, tamanho, ornamentos, vedações, iluminação, piscina e plantas – “edifícios de destaque”. Mas, o número destas habitações é muito reduzido comparativamente as que sofreram pouca ou nenhuma modificação. Esta constatação suscitou uma questão: o que explica as remodelações nas poucas habitações?

Na literatura consultada sobre as habitações (por exemplo, Morgan 1965, Goody 1971 apud Low e Lawrance-Zúñiga 1990, Hirschon e Gold 1982 e Cieraad 1999), as remodelações são explicadas como sendo resultantes do crescimento do agregado familiar. Contudo, esta explicação é parcial e simplista, neste contexto. Por exemplo, um morador fez remodelações na sua habitação que incluiu a ornamentação, a pintura e a jardinagem conforme pode se ver nas figuras 3 e 4 (vide também no anexo 1 imagens 11 e 11.1) e outro está a efectuar remodelações que vão incluir um piso acima e a habitação possuirá três varandas e uma piscina.

Neste caso, se o discurso das remodelações como resposta ao crescimento do agregado familiar, for tomado como a única explicação do fenómeno, então, como relacionar as remodelações na fachada ou em termos de ornamentação, varandas, casa de banho interior, piscina, pintura exterior, varandas, jardinagem ou vedação com o crescimento do agregado familiar?

As habitações são melhor analisadas se forem olhadas, também, como símbolos que comunicam a identidade dos indivíduos (Low e Lawrance-Zúñiga 1990; Erman 1996 apud Steggel *et al.* 2001; Hauge 2003), argumento que vai ser explorado em detalhe nas secções que se seguem.

4.1. Padrão das remodelações: a “casa boneca”

Uma das constatações que mereceu atenção no trabalho foi a denominação que os moradores usavam para referirem-se a habitação nas figuras 3 e 4 (abaixo).



Fig. 3 A “casa boneca” (foto do autor: 2011)

Fig. 4 A “casa boneca” (foto do autor: 2011)

Ela é conhecida no bairro como a “*casa boneca*”²¹. A habitação apresenta uma singularidade em toda a extensão do bairro. As remodelações nesta habitação são diferentes dos padrões observados no bairro (compare com as figuras 5 e 6). Ela é muito colorida, possui azulejos coloridos, muitas plantas de ornamentação e vidros coloridos, facto que explica, segundo pôde se constatar nas conversas, a “troça” que alguns moradores fazem sobre a habitação.

As remodelações no bairro tendem a incluir o aumento dos compartimentos das habitações, construção de vedações, pintura, varandas e jardinagem e geralmente pouco se remodela a fachada da habitação conforme pode se atestar nas figuras 5 e 6.



Fig. 5 Padrão das remodelações (foto do autor:2011) fachada



Fig. 6 Padrão das remodelações (foto do autor:2011) fachada

Ao olhar-se para as figuras 5 e 6 (vide também os anexos 1, imagens número 9 e 10), verifica-se a existência de um padrão de remodelações, facto que levanta uma questão: que princípios estão por detrás do mesmo? Os moradores explicam esse facto nos seguintes termos:

A pessoa pode modificar a casa a vontade mas a frente tem que deixar aquele mapa das irmãs, é proibido aumentar a frente por isso que a frente não há espaço assim, qualquer pessoa que chegar no bairro vai ver que isto é de um projecto.²²

Muitos informantes afirmaram que “é proibido remodelar a parte frontal da habitação”, o que se pode traduzir numa imposição de um modelo urbanístico. O padrão das remodelações das habitações evidencia como essa proibição se articula e se manifesta na “forma construída” (Low

²¹Entrevista com um morador do bairro 4 de Outubro: 15 de Novembro de 2011

²²Entrevista com um morador do bairro 4 de Outubro: 04 de Setembro de 2011

e Lawrance-Zúñiga 1990). Contudo, deve-se levar em conta que “as normas e regras de condutas são traduzidas em práticas: estas são em última análise manipuladas por indivíduos em situações específicas para servirem fins específicos (dai a variação)²³” (Velsen 1967:355).

O bairro pode ser visto como um campo de lutas marcado por relações de poder (Bourdieu 1989), onde a Comissão Administrativa do Bairro dita “as regras do jogo” (idem 1989).

4.2. Sociabilidades: “não vens para mim que eu também não venho para ti, nós não somos amigos”

Não basta afirmar que as habitações comunicam as identidades sociais dos seus proprietários. O simples facto de se possuir um objecto não é em si suficiente para se afirmar que o mesmo comunica uma identidade, é preciso levar-se em conta os valores, os significados atribuídos aos objectos possuídos e a forma como estes estruturam (e são estruturados pelas) as sociabilidades²⁴ dos seus possuidores, num dado contexto de referência.

Nem todos os moradores do bairro 4 de Outubro são oriundos do bairro de Chamanculo. Este bairro deve ser visto, pois, como uma entidade múltipla e heterogénea, bem como as sociabilidades dos moradores.

Eu quando cheguei no bairro, estou a falar de 2004 para 2005, estava a entrar numa outra zona (...). Eu saí de um sítio a dizer que vou viver com pessoas que vêm do Chamanculo então no princípio tornou-me difícil a “ambietalização”. (...) Eu estava a vir de uma comunidade diferente, Chamanculo e bairro 25 de Junho são um pouco diferentes.²⁵

Os moradores do bairro são provenientes de lugares diferentes e por isso as suas expectativas em relação ao bairro, a vizinhança, o estilo de vida no bairro eram diferentes. Os moradores provenientes de outros bairros já sabiam que morariam no mesmo bairro que as pessoas oriundas de Chamanculo por isso tinham uma expectativa negativa em relação a vizinhança no novo

²³ Grifo do autor

²⁴ A sociabilidade é vista como “um fenómeno, uma forma de interacção destituída de laços de conteúdo. As formas de sociabilidade assumem certa autonomia e passam a existir independentemente dos interesses, motivações ou impulsos que levam à interacção entre os indivíduos” (Setton 2004:100).

²⁵ Entrevista com um morador do bairro 4 de Outubro: 04 de Setembro de 2011

bairro. Assim, as suas sociabilidades foram inicialmente restritas uma vez que “a sociabilidade só acontece entre os indivíduos socialmente semelhantes” (Setton 2004:100), isto é, que partilham valores semelhantes, o que na terminologia de Bourdieu (1989) designa-se por *habitus*.

Quando eu vim aqui era aquela coisa, não vou me aproximar de ti mas tu também não te aproximes de mim porque não somos amigos para começar ...²⁶

Para Lindstrom (1997) e Gifford (2002) apud Hauge (2009:32), as pessoas tiram conclusões óbvias sobre a riqueza e a classe social dos residentes de acordo com o lugar onde vivem, assim os moradores do bairro por serem na sua maioria oriundos do bairro de Chamanculo são vistos pelos moradores nos bairros circunvizinhos ou oriundos de outros bairros como sendo “*pobres e bandidos*”, o que no conjunto das interações sociais faz com que os moradores oriundos de outros bairros, ou com capital económico e social diferentes tendam a limitar as suas sociabilidades com os demais moradores, criando-se assim distinções, que se podem consubstanciar na habitação enquanto “ambiente construído” (Low e Lawrance-Zúñiga 1990).

Bem, se permitido eu queria sentir me um pouco diferente naquilo que se pensa ou naquilo que as pessoas pensam, porquê as pessoas pensam? Eh..., têm na mente que somos pobres, somos tirados de Chamanculo porque somos pobres, vivíamos em casas de madeira e zinco e, não sei o quê, e fomos tirados para cá, então, temos que tentar viver assim, (...)²⁷.

Existe um discurso frequente nos moradores dos bairros circunvizinhos e moradores oriundos de outros bairros, segundo o qual, todos os moradores do bairro 4 de Outubro são oriundos de Chamanculo, por isso, são “pobres e criminosos”, criando-se assim uma ideia de “comunidade” que homogeneíza os moradores do bairro – que é um “perigo ao respeito” (Steggel et al. 2003).

Através das remodelações da habitação, alguns moradores buscam “sentir-se diferentes” e excluir-se dessas categorias de “*pobres*” e “*criminosos*”. Segundo Pina Cabral (2002:8) “todas as identidades são o produto de encadeamento e entrecruzamento de instâncias particulares de identificação e diferenciação”. Neste caso, os moradores ao sentirem-se insatisfeitos com a habitação buscam melhorar a sua situação (Morris e Winter 1978 apud Steggel e tal. 2003).

²⁶ Entrevista com um morador do bairro 4 de Outubro: 04 de Setembro de 2011

²⁷ Entrevista com um morador do bairro 4 de Outubro: 04 de Setembro de 2011

4.3. Estilo de vida, identidade social e habitação

Segundo Blumer (1937) apud Palma (2004), o interaccionismo simbólico apresenta três premissas básicas, nomeadamente: os indivíduos agem em relação às coisas, com base nos sentidos que estas coisas têm para eles; o sentido é derivado da interacção que os indivíduos estabelecem entre si; e os sentidos são manipulados e modificados através do processo interpretativo que os indivíduos usam para tratar as coisas. Por isso, é importante analisar-se os significados que os indivíduos atribuem ao mundo social e, para se aceder a tais significados, é necessário examinar a vida quotidiana dos indivíduos.

Deste modo, observando-se o quotidiano dos moradores no bairro, verificou-se que apesar de os moradores do bairro não serem todos oriundos do bairro de Chamanculo, possuem capitais social, económico e simbólico distintos e buscarem distinguir-se dos demais, existem momentos em que os moradores partilham dos mesmos espaços de lazer²⁸ no bairro, contudo a selectividade em termos de pessoas com quem interagir e forma de interacção tende a manter-se.

Destes espaços, destacam-se a barraca do “Seu Matshinhe” e o “Contentor”, onde verificam-se aparentes relações de proximidade. É muito frequente nesses locais ver os moradores envolvidos em conversas; também é uma prática comum fazer piadas²⁹ entre si. Tanto no lugar do “Seu Matsinhe” como no “Contentor” vende-se bebidas alcoólicas, comida e outros produtos de consumo alimentar (comércio geral). É frequente nos tempos livres ver os moradores em grupos (que tendem a ser recorrentes) de quatro a cinco pessoas a consumirem bebidas alcoólicas (sendo frequente o consumo do vinho tinto, bebidas secas e cerveja). Neste momento, as diferenciações e identificações sociais tendem a ser subtis, sendo perceptíveis em termos de tipo do produto consumido (tamanho da garrafa da cerveja média ou pequena, marca da cerveja ou do vinho ou bebidas secas), pronúncia, conteúdo das intervenções durante a conversa e conteúdo das “piadas”.

²⁸ Importa primeiro referir-se que lazer e trabalho são, conforme atesta Perez (2009), termos do sistema classificatório ocidental moderno e não realidades perenes e universais. Portanto, Beltrão (2003) faz uso do conceito brincadeira como um contraponto ao conceito ocidental de lazer. Para mais detalhes sobre esta discussão leia Perez (2009) e Beltrão (2003)

²⁹ Este conceito ganha uma utilidade heurística uma vez que Segundo Tadvald (2007) as piadas fazem sentido para tal e qual sociedade, pois reflectem-na, seus problemas, medos e tradições das mais diferentes naturezas. O que é motivo de riso varia de contexto social e temporal.

Nem todos os moradores frequentam os lugares acima mencionados, por exemplo, um dos informantes que fez remodelações significativas na habitação prefere não frequentar aqueles lugares uma vez que não consome bebidas alcoólicas, de vez em quando vai ao “Contentor” comprar refrigerantes e/ou sumo para consumir quando está com o seu amigo. Ele não vai ao sítio do “Seu Matsinhe” uma vez que “*não gosta do ambiente*”³⁰.

Ele não recebe muitas visitas em sua habitação já que um dia foi roubado “*quase tudo*”³¹ por um vizinho. No bairro, ele tem um “*amigo*” e “*vários conhecidos*”³². Os “*conhecidos*” eram muitos devido ao seu trabalho como supervisor na área de prevenção contra o HIV e SIDA no centro social da CONFHIC (uma das tarefas do seu trabalho incluía visitar pessoas infectadas ou em tratamento ou para fazerem o teste de HIV), e apenas os amigos é que visitavam-no. No bairro, tende a manter uma atitude de distanciamento em relação aos demais moradores não apenas em termos dos investimentos na habitação mas também em termos de gostos e/ou preferências.

As remodelações das habitações, neste contexto, são melhor percebidas se forem integradas num estilo de vida que funciona como uma “*estrutura estruturante*” (Bourdieu 1989) e expressão das identidades pessoais. Assim, as remodelações das habitações não vêm responder a uma necessidade utilitária apenas mas também servem para construir uma narrativa particular da identidade pessoal. Conforme pôde-se constatar, as remodelações enquadram-se num estilo de vida, que Chaney (2001:12) chama de “*complexos extensos de identidade e afiliação*”, que se estrutura de diversas maneiras entre os moradores do bairro.

³⁰ Conversa com um morador do bairro 4 de Outubro: 15 de Novembro de 2011

³¹ Conversa com um morador do bairro 4 de Outubro: 15 de Novembro de 2011

³² Conversa com um morador do bairro 4 de Outubro: 15 de Novembro de 2011

5. Considerações finais

Inspirado pelas sugestões analíticas de Goffman (1959), Bourdieu (1989), Higuchi (2003), Hauge e Kolstad (2007), o presente trabalho procurou “explorar a mecânica pela qual os grupos criam distinções, estabelecem hierarquias e renegociam as regras de inclusão” (Cerulo 1997:394), identificações e diferenciações (Pina Cabral 2003) através da habitação no bairro 4 de Outubro.

No presente trabalho analisou-se as dinâmicas espaciais, identidades sociais e apropriação das habitações por parte dos novos moradores do bairro 4 de Outubro, em Mumemo, distrito de Marracuene, que é um bairro que surgiu para reassentar vítimas das cheias que ocorreram no ano de 2000 na cidade de Maputo, especificamente no bairro de Chamanculo C.

Constatou-se que havia, no novo bairro, uma imposição de um modelo urbanístico que se traduz em não demolição integral da habitação, não remodelação da parte frontal da habitação; essas restrições “limitam” as opções arquitectónicas dos moradores, assim, o bairro pode ser visto como um campo de lutas em que as relações de poder se desenrolam e a CONFHIC dita as regras do jogo.

Verificou-se que no bairro havia algumas habitações que sofreram remodelações significativas em relação a maioria, então, questionou-se sobre as motivações que estavam por detrás dessas remodelações. A literatura preconizava que as remodelações da habitação eram explicadas pelo número e composição dos grupos domésticos, no sentido de que há uma correspondência entre as formas particulares e o tipo de composição do grupo doméstico residente (Low e Lawrance-Zúñiga 1990), contudo, esta explicação por si só não é suficiente para dar conta de todas as remodelações que ocorrem no bairro, é preciso levar-se em conta os significados atribuídos às habitações e o lugar destas na afirmação de identidades e diferenciações sociais num dado contexto de interacção social.

Das conversas com os informantes que efectuaram remodelações significativas percebeu-se que as suas sociabilidades no bairro eram muito restritas, por exemplo, nos primeiros dias que chegaram no bairro 4 de Outubro, tinham uma atitude do tipo “*não vens para mim que eu*

também não venho para ti, nós não somos amigos”³³, uma vez que eram oriundos de bairros diferentes do bairro Chamanculo e não partilhavam dos mesmos valores com os demais moradores daquele bairro. Para Lindstrom (1997) e Gifford (2002) apud Hauge (2009:32), as pessoas tiram conclusões óbvias sobre a riqueza e a classe social dos residentes de acordo com o lugar onde vivem, assim, estes moradores chegaram no bairro a saber que seriam vizinhos de pessoas que viviam no bairro de Chamanculo, e este bairro suburbano é associado à pobreza e criminalidade. Este facto fez com que as suas relações com os moradores fossem restritas. As remodelações efectuadas nas habitações devem ser analisadas tendo em conta este contexto de referência.

A habitação serve como um elemento fundamental na construção de identidade sociais, ou para a diferenciação social em termos de estatuto (Bourdieu 1989; Hauge 2009). Os informantes procuram afirmar as suas identidades e diferenciar-se dos outros moradores através das habitações, esse facto pode ser explicado pelas modificações que muitas vezes são efectuadas nas fachadas: pinturas, construção das vedações ou ornamentações, varandas, piscinas e a própria arquitectura da habitação. Por isso, as remodelações não devem ser vistas apenas como resposta a imperativos do crescimento do agregado familiar. Os moradores procuram afastar-se, através das remodelações das habitações, dos discursos dominantes e homogeneizantes que caracterizam o bairro como pobre e os moradores como “necessitados”.

Pela extensão do trabalho não se pôde esgotar todos os aspectos, cabendo ao mesmo a tarefa de abrir pistas para possíveis pesquisas futuras. Deste modo, os futuros trabalhos poderiam explorar os padrões de remodelação das habitações relacionando-as com o género, conjugalidade e “parentalidade”, bem como a questão da arquitectura, forma e tipos de habitações erguidas interligando-as com os debates sobre a globalização e circulação global de informação, ideias, valores e formas arquitectónicas, levando-se em consideração que a arquitectura, o urbanismo e a urbanidade variam de acordo com os contextos de referência.

³³ Entrevista com um morador do bairro 4 de Outubro: 4 de Outubro de 2011

6. Referências bibliográficas

- Andrade, Rosane. 2002. *Antropologia e Fotografia: Olhares Fora-Dentro*. São Paulo: EDUSC – Editora d’PUC-SP
- Augé, Marc. 1992. *Los no Lugares: una Antropologia de la Sobremodernidad*. Barcelona: Editorial Gedisa
- Beltrão, Jane. 2003. “Brincadeira ou lazer: um olhar Antropológico” *Licere* 6 (1): 46-60
- Benda-Beckmann, Franz *et al.* (edit.). 2009. *Changing Properties of Property*. Berghan Books
- Bourdieu, Pierre. 1989. *Espaço Social e Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil Ltda.
- Bourdieu, Pierre. 1997. *Razoes Práticas: sobre a Teoria da Acção*. Barcelona: Editorial Anagrama
- Bourdieu, Pierre. 2006. *A Distinção: Crítica Social do Julgamento*. São Paulo: Editora Zouk
- Burgess, Robert. 1997. *A Pesquisa do Terreno: uma Introdução*. Oeiras: Celta Editoras Ltda.
- Cassirer, Ernest. 1994. *Ensaio Sobre o Homem. Uma Introdução a uma Filosofia da Cultura Humana*. São Paulo: Editora Martins Fontes
- Cerulo, Karen. 1997. “Identity Construction: New Issues, New Directions” *Annual Review of Sociology* 23 (1): 385-409
- Chaney, David. 1996. *Lifestyles*. London: Routledge
- Cieraad, Irene. 1999. *At Home: An Anthropology of Domestic Space*. New York: Syracuse University Press
- Dubar, Claude. 2005. *A Socialização: a Construção de Identidades Sociais e Profissionais*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editorial Ltda.
- Fairclough, Norman. 2003. *Textual Analysis for Social Research*. New York: Royledege

Filho, José. 2003. “Media, Consumo Cultural e Estilo de Vida na Modernidade” *Eco Pós* 6 (1): 72-97

Geertz, Clifford. 2001. *Nova Luz sobre a Antropologia*. Rio de Janeiro: Editora Zahar

Geertz, Clifford. 1989. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Editora SA

Goffman, Erwing. 1993 [1959]. *A Apresentação do Eu na Vida de todos os Dias*. Lisboa: Relógio D’água

Goss, Pereira. 2006. “As Correntes Interacionistas e a sua Repercussão nas Teorias de Anthony Giddens e Bruno Latour”. *Rede de Revistas Científicas de América e Caribe* 42 (3): 153-162

Hann, Chris. (ed.). 1996. *Property Relations: Renewing the Anthropological Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press

Hann, Chris. 2007. “A new double Movement? Anthropological Perspectives on Property in the Age of Neoliberalism” *Socio-economic Reviews* 2 (5): 287-318

Hann, Chris. *Property*. In: Carrier, James. (edit.). 2005. *A Handbook of Economics Anthropology*. Cheltenham: Edward Elgar Publishing Limited. pp.110-124

Hauge, Ashild e Kolstad, Arnulf. 2007. “Dwelling as an Expression of Identity: a Comparative Study among Residents in high-priced and low-priced Neighborhood in Norway” *Housing, Theory & Society* 1 (24): 271-292

Hauge, Ashild. 2009. *Housing and Identity: the Meaning of Housing in communicating Identity and its Influence on Self-perception*. Tese de Doutorado em Arquitectura. Trondheim: Universidade Norueguesa de Ciência e Tecnologia

Higuchi, Maria. 2003. “A Sociabilidade da Estrutura Espacial da Casa: Processo Histórico de Diferenciação Social por meio e através da Habitação” *Revista das Ciências Humanas* 1 (33): 49-70

Hirschon, Renee e Gold, John. 1982. “Territoriality and The Home Environment in a Greek Urban Community” *Anthropological Quarterly* 55 (2): 63-73

- Horta, Ana Paula. (coord.). 2007. *Sociologia Urbana*. Lisboa: Universidade Aberta
- Humphrey, Caroline e Verdery, Katherine. 2004. *Introduction: Raising Questions about Property*. New York: Wenner-Gren Foundation for Anthropological Research
- Loforte, Ana. 2000. *A produção de Identidades Étnicas no Meio Urbano*. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane
- Low, Setha e Lawrance-Zúñiga, Denise. 1990. "The Built Environment and the Spatial Form" *Annual Review of Anthropology* 9 (1): 453-505
- Macpherson, Crawford. 1992 [1978]. *The Meaning of Property*. London: University of Toronto Press.
- Marshal, Sheila. (s/d) "Housing as a Symbol". [online] disponível na Internet via <http://family.jrank.org/pages/817/Housing-Housing-Symbol.html> (consultado: 26 de Outubro de 2011)
- Mitchell, James Clyde (edit.). 1975. *Social Networks in Urban Situation*. Manchester: Manchester University Press
- Moura, Marinaide. 2000. "O Símbolo em Cassirer" *Ideação* 1(5): 75-85
- Nas, Peter e Prins, Wil. 1988. "House, Culture and Development" *Bijdragen Tot de Taal - , Land en Volkenkunde* 144 (1): 114-131
- Nogueira-Martins, Maria e Bógus, Cláudia. 2004. "Considerações Sobre a Metodologia Qualitativa como Recurso para o Estudo das Acções de Humanização em Saúde" *Saúde e Sociedade* 13 (3): 44-57
- Palma, G. 2004. "O Interacionismo nas Investigações Linguísticas: Características e Procedimentos". Intervenção em Mesa Redonda Inicial do II Seminário <http://www.sepq.org.br/IIsepeq/anais/pdf/mr1/mr1-4.pdf/> (consultado: 18 de Novembro de 2011)
- Pejovich, Svetozar. 1990. *The Economics of Property Rights: towards a Theory of Comparative Systems*. Texas: Kluwer Academic Publishers

Perez, Léa. 2009. “Do Lazer à festa: em Questão o Solo Epistémico de Modernidade Ocidental”
Licere 12 (2): 1-15

Pina Cabral, João. 2002. *Agora sabes o que é ser pobre: Identificações e Diferenciações no Mundo da Lusofonia*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais – Universidade de Lisboa

Pina Cabral, João. 2003. *O Homem na Família – Cinco Ensaios da Antropologia*. Lisboa: Instituto das Ciências Sociais – Universidade de Lisboa

Setton, Maria. 2004. *Rotary Club, Estilo de Vida e Sociabilidade*. São Paulo: Annablume Editora

Silvano, Filomena. 2010. *Antropologia do Espaço*. Lisboa: Assírio e Alvim.

Steggel, Carmen *et al.* 2001. “Exploring Theories of Human Behavior in Housing Research”
Housing and Society 28 (1): 1-30

Tadvald, Marcelo. 2007. “Temas (Instigantes) para a Apreciação Antropológica” *Revista de Antropologia Experimental* 1 (7): 1-18

Ven, Velsen. 1967. “The Extended-Case Method and Situational Analysis” in Epstein, A. A. *The Crafts of Social Anthropology*. Londres. Tavistock Publications Limited

Sites consultados

[Http://www.confhic.com](http://www.confhic.com). (consultado: 18 de Novembro de 2011)

<http://www.mumemo.no.sapo.pt/historia.html>. (consultado: 14 de Setembro de 2011)

7. ANEXOS

ANEXO 1 - FOTOS



1. Mata a ser desbravada para a construção do bairro
(fonte: mumemo.no.sapo.pt/historia.html)



2. Tendas de acampamento (fonte: mumemo.no.sapo.pt/historia.html)
(



3. Construção das habitações (fonte: mumemo.no.sapo.pt/historia.html)



4. Formato das habitações (fonte: mumemo.no.sapo.pt/historia.html)



5. Mercado do Mumemo (fonte: mumemo.no.sapo.pt/historia.html)



6. Centro de saúde (fonte: mumemo.no.sapo.pt/historia.html)



7. Vedações e habitação 10 anos depois (foto do autor:2011)



8. Habitação 10 anos depois (foto do autor:2011)



9. Padrão das remodelações – fachada não remodelada (foto do autor: 2011)



10. Habitação com o projecto de remodelação que inclui aumento de um piso (foto do autor:2011).



11. A “casa boneca” – portão da habitação (foto do autor:2011)



11.1. A “Casa Boneca” - fachada (foto do autor:2011)

ANEXO 2 – FICHA SOCIAL DA CONFHIC

FOTO

Ficha social

Casa Nº _____

Bloco Nº _____

Proprietário: _____

Chefe de bloco: _____

Contacto: _____

Agregado familiare

| Nome | Parentesco | Data de nascimento | Escolaridade | Profissão |
|------|------------|--------------------|--------------|-----------|
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |

Situação Habitacional: _____

Situação Económica _____

Situação de saúde: _____

Situação social e relações familiares existentes: _____

Outras informações: _____

Atendimento efectuado por: _____

Mumemo

Data: ___ / ___ / 20 ___